

EVIDÊNCIAS DA INDUSTRIALIZAÇÃO: UMA RESENHA CRÍTICA SOBRE “INDUSTRIAL ARCHAEOLOGY: PRINCIPLES AND PRACTICE”

EVIDENCE OF THE INDUSTRIALIZATION: AN REVIEW ABOUT “INDUSTRIAL ARCHAEOLOGY: PRINCIPLES AND PRACTICE”

Thaís Pelegrini Martins ¹

Resumo

A presente resenha crítica analisa a obra *Industrial Archaeology: Principles and Practice* (1998), de Marilyn Palmer e Peter Neaverson, referência consolidada no campo da arqueologia industrial britânica. O texto inicia-se com a apresentação das credenciais acadêmicas dos autores, ambos reconhecidos por sua trajetória de pesquisa e atuação institucional na área. Em seguida, é apresentado o resumo da obra, estruturada em sete capítulos, que percorre desde as origens históricas da disciplina, situadas entre o final do século XIX e meados do século XX na Grã-Bretanha, até a defesa de sua integração à arqueologia convencional, mediante um quadro metodológico rigoroso. Os capítulos abordam, respectivamente: o âmbito conceitual da arqueologia industrial; a análise das paisagens urbanas industriais a partir de fatores de localização, evolução histórica e relações espaciais; a tipologia de edifícios, estruturas e maquinaria (fornos, moinhos, indústria têxtil e energia a vapor); as técnicas de trabalho de campo e registro documental, organizadas em quatro níveis de profundidade investigativa; a análise crítica das fontes documentais e sua articulação com as evidências físicas; o estudo de caso das Minas de Basset, na Cornualha, como ilustração prática do arcabouço metodológico; e, por fim, as discussões contemporâneas sobre valorização, gestão e preservação do patrimônio industrial. Na conclusão da resenhista, destaca-se que a obra concebe os complexos industriais como símbolos visíveis dos processos de produção e das relações sociais de poder entre capital e trabalho.

Palavras-chave: arqueologia industrial, patrimônio industrial, paisagem cultural.

Abstract

This critical review analyzes the book *Industrial Archaeology: Principles and Practice* (1998), by Marilyn Palmer and Peter Neaverson, a well-established reference in British industrial archaeology. After presenting the authors' academic credentials, the review summarizes the book's seven chapters, which trace the discipline's historical origins in Great Britain, from the late nineteenth to the mid-twentieth century, through its call for integration into conventional archaeology under a rigorous methodological framework. The chapters cover the conceptual scope of industrial archaeology; the analysis of industrial urban landscapes; the typology of buildings, structures, and machinery; fieldwork and documentary recording techniques; the critical use of documentary sources alongside physical evidence; the case study of the Basset Mines, in Cornwall; and contemporary debates on the valuation, management, and preservation of industrial heritage. The reviewer concludes that the book conceives industrial complexes as visible symbols of production processes and of the social power relations between capital and labor.

Keywords: Industrial archaeology, Industrial heritage, Cultural landscape.

¹ Mestranda em arquitetura e urbanismo, FAAC/UNESP, <https://orcid.org/0009-0000-2587-2911>,
thais.pelegrini@unesp.br.

1. INTRODUÇÃO

A arqueologia industrial consolidou-se, ao longo das últimas décadas, como um campo de investigação que articula os vestígios materiais da industrialização (edifícios, maquinaria, paisagens e documentos) às transformações sociais, econômicas e culturais que marcaram os séculos XVIII, XIX e XX. Nesse contexto, a obra *Industrial Archaeology: Principles and Practice* (1998), de autoria de Marilyn Palmer e Peter Neaverson, publicada pela editora Routledge, representa uma contribuição relevante para a sistematização metodológica dessa disciplina, buscando situá-la de forma definitiva na corrente principal da arqueologia enquanto ciência.

A presente resenha crítica tem por objetivo apresentar e analisar a referida obra, com vistas a evidenciar suas principais contribuições teóricas e metodológicas para os estudos do patrimônio industrial, bem como situar sua relevância para as discussões atuais sobre preservação, gestão e significação cultural desses vestígios.

Justifica-se a escolha desse título em razão de sua relevância consolidada no campo da arqueologia industrial britânica, sendo Palmer e Neaverson autores de reconhecida trajetória acadêmica e institucional na disciplina, conforme evidenciado por suas credenciais profissionais.

Para tanto, o presente trabalho está organizado da seguinte forma: inicialmente, são apresentadas as credenciais acadêmicas e profissionais dos autores da obra resenhada; em seguida, expõe-se um resumo estruturado dos sete capítulos que compõem o livro, percorrendo desde as origens históricas da arqueologia industrial até as discussões contemporâneas sobre a valorização do patrimônio; posteriormente, apresenta-se a conclusão da resenhista acerca dos principais argumentos e proposições teóricas defendidos pelos autores; e, por fim, desenvolve-se a crítica da resenhista, na qual são discutidas as contribuições, os méritos e as implicações da obra para a pesquisa acadêmica em arquitetura, história e patrimônio cultural.

2. CREDENCIAIS DOS AUTORES

A Professora Marilyn Palmer² estudou História no St Anne's College, Oxford, e trabalhou na formação de professores antes de ingressar no Departamento de História da Universidade de Loughborough, tornando-se sua chefe em 1983. Transferiu-se para a Universidade de Leicester, tornando-se chefe da Escola de Arqueologia e a primeira professora de Arqueologia Industrial da Grã-Bretanha. Foi Comissária da Comissão Real sobre os Monumentos Históricos da Inglaterra antes de sua fusão com a English Heritage.

² Biografia fornecida por The Association for Industrial Archaeology. Disponível em: https://industrial-archaeology.org/dt_team/marilyn-palmer/. Acesso em: 22 junho 2026.

Atua em comitês relacionados à sua disciplina para o National Trust e o Council for British Archaeology, e é Conselheira de Arqueologia da University of the Third Age, para a qual organiza jornadas de estudo, além de um grande Grupo de Arqueologia. Recebeu um Prêmio de Mérito da Society for Historical Archaeology dos EUA em 2005 por seu sucesso na integração da arqueologia industrial na arqueologia convencional e, posteriormente, um MBE na Queen's Birthday Honours List em junho de 2015, "por serviços prestados à Arqueologia Industrial e ao Patrimônio".

Peter Neaverson³ esteve ativamente envolvido na arqueologia industrial britânica por mais de 25 anos, além de ter sido coeditor junto com Marilyn Palmer da revista *Industrial Archaeology Review* por quase 20 anos, lidando com sua transferência da Oxford University Press para uma editora local e depois para a Maney of Leeds. Engenheiro de formação, dedicou os anos de aposentadoria à arqueologia industrial e seu conhecimento de física e engenharia, além de desenho técnico, foi de grande ajuda em sua pesquisa e escrita.

Ele também aprendeu sozinho técnicas de topografia e era um pesquisador ávido nos Registros Oficiais, sendo rápido em compreender as implicações tanto dos mapas quanto dos documentos, algo que ficou particularmente evidente nas pesquisas que realizou na mina Glyn Pits, no sul do País de Gales, onde conseguiu interpretar os complexos sistemas de bombeamento e enrolamento naquele local único. Realizou trabalhos de campo com a Leicestershire Industrial History Society em East Midlands, País de Gales e Cornualha, e foi membro de várias organizações, incluindo a Newcomen Society, a Peak District Mines Historical Society e a Railway and Canal Historical Society. Foi Pesquisador Visitante Honorário na Universidade de Leicester. Dedicou muito de seu tempo ao The Association for Industrial Archaeology (AIA) e, ao falecer em dezembro de 2005, deixou um legado considerável para mais pesquisas, pesquisas e publicações em arqueologia industrial.

Segundo o livro dos próprios autores (1998), Marilyn Palmer e Peter Neaverson sustentam que as técnicas e conceitos arqueológicos convencionais devem ser modificados devido à natureza particular das evidências físicas e à disponibilidade das fontes documentais. Sob essa perspectiva, a análise arqueológica estende-se às paisagens e aos edifícios industriais, interpretando-os como símbolos visíveis dos processos de produção e de interações sociais estruturadas no espaço e no tempo. Assim, busca-se compreender o monumento industrial não de forma isolada, mas como integrante de uma rede complexa de ligações associada diretamente às decisões humanas, aos métodos de produção do passado e ao contexto cultural e topográfico em que se insere.

³ Biografia fornecida por The Association for Industrial Archaeology. Disponível em: <https://industrial-archaeology.org/aia-awards/peter-neaverson-awards/>. Acesso em: 22 junho 2026.

3. RESENHA DA OBRA

O livro está estruturado em sete capítulos e, quanto à autoria das seções, não há uma separação explícita entre os escritores, de modo que a redação faz referência a ambos os autores ao longo de toda a apresentação do texto. Logo no prefácio, Palmer e Neaverson apresentam os desafios da arqueologia industrial como disciplina e exercício profissional, e se propõem a situar a arqueologia industrial na corrente principal da arqueologia e a enquadrar a disciplina em quadro metodológico consolidado.

O primeiro capítulo explana sobre o âmbito da arqueologia industrial, no qual os autores começam explicando sobre as origens da arqueologia industrial, entre o final do século XIX até meados da década de 1950 na Grã-Bretanha. Michael Rix é tratado como o primeiro defensor dos monumentos da revolução industrial durante a reabilitação urbana do século XX e levanta a importância da preservação dos memoriais que simbolizam o movimento, para assim aprender com os vestígios físicos da industrialização. Isso iniciou o movimento de formulação de políticas, publicações e levantamentos que alcançassem o avanço dos padrões de proteção, registro, investigação e conservação dessa área.

Ainda assim, o trabalho da arqueologia industrial, vêm sendo tratado, em grande parte, com natureza mais descritiva que analítica dos vestígios físicos industriais passados, e não como expressões de esforço humano. Os autores defendem que se deve contribuir para debates mais abrangentes, relacionados à origem e efeito da industrialização; e defendem que deve haver também a interpretação de sítios, estruturas e paisagens, onde a arqueologia contextual faz a descrição completa e detalhada do contexto total em se está inserida.

O império industrial foi um veículo para expressão de prestígio pessoal, onde foram instauradas diversas tendências, e a conformação do complexo industrial mostra o tempo regulado, gerando a maximização do lucro e o controle social da força de trabalho, tanto pelo espaço quanto pelo processo. Indicam também que as relações de supervisão e proximidade se aproximam da disciplina, mas se parecendo como ato de benevolência da parte das empresas. Ainda, é sugerido que a arqueologia industrial reconhece o papel do indivíduo na criação de cultura imaterial, através de uma escolha deliberada e não de um determinismo ambiental implementado.

A partir da apresentação do contexto internacional, focalizado nos Estados Unidos e Europa, indicaram a inclusão e participação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e do Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH), mas que ainda faltava à época em que foi escrito uma dimensão humana da atividade industrial do passado, em que se centra no início da produção fabril. Reforçam que, na arqueologia industrial, se deve usar todas as evidências disponíveis não só documental, principalmente outras fontes e atividades humanas e alertam para o ritmo

de destruição, onde deve haver mais preocupação com preservação e mudança de significação cultural devido às transformações das atividades humanas e da cidade.

No segundo capítulo o foco são as paisagens urbanas, analisando o ambiente físico e cultural como manifestações materiais das transformações provocadas pela ação humana no tempo e no espaço. A paisagem industrial é interpretada como uma manifestação de mudanças passadas, no qual as feições físicas revelam como o homem moldou o meio ambiente ao longo dos anos. Dessa forma, a análise da paisagem fundamenta-se em três pilares essenciais: a razão da localização das empresas, a evolução histórica dessas estruturas e as suas relações espaciais com o povoamento e os sistemas de transporte.

Os autores explicam que a localização, conforme a análise da paisagem, é determinada pela interação com os recursos naturais e a topografia, onde a presença de matérias primas é importante para indústrias extrativas, o declive natural é fundamental para o fornecimento de energia e transporte e as inclinações têm papel importante na parte da triagem, enquanto a ação humana era usada como determinação do padrão de exploração e de desenvolvimento industrial. Já a evolução histórica marca a mudança ao longo do tempo, essencialmente através das mudanças no tipo de energia, pelo potencial hidráulico principalmente; na escala das estruturas, com maior porte e diverso; e no avanço tecnológico, onde os locais de trabalho se tornaram mais complexos, com novas instalações e alas de produção. Por fim as relações espaciais, de quando os processos eram mais interdependentes e onde as redes de transporte sustentavam essas conexões, antes da integração total, o padrão de povoamento refletia essa dispersão, também como forma de controle social.

O terceiro capítulo situa os edifícios, estruturas e maquinaria enquanto classes de edifícios industriais a serem analisadas para ilustrar a relação essencial entre forma, função, contexto e mudança ao longo do tempo, focando na análise das evidências físicas como símbolos visíveis dos processos de produção. Para tanto, a análise expande-se sobre diferentes grupos de vestígios, detalhando desde os fornos e fornalhas utilizados na produção de cerâmica, ferro e vidro, até os processos de transformação alimentar em moinhos e cervejarias. Adicionalmente, examina-se a transição da indústria têxtil do ambiente doméstico para o sistema integrado, bem como a evolução da energia a vapor, demonstrando como o design fabril e os sistemas de engrenagens evoluíram de modo a alinhar a transmissão de força mecânica ao controle social e à supervisão dos trabalhadores.

Com isso, o primeiro grupo de vestígios são os fornos e fornalhas, estruturas que servem para provocar alterações químicas em materiais através do calor em operações intermitentes ou contínuas. Dentre os materiais produzidos, temos os tijolos e cerâmica, onde ocorreu uma evolução na tipologia dos fornos; o vidro e o ferro, com fornos que passaram do uso de carvão vegetal e energia hidráulica para a energia a vapor, aumentando sua complexidade; e os metais e cal, onde as casas de fundição e fornos foram fundamentais para a agricultura e construção. Depois, tivemos os vestígios da transformação alimentar, pelo

processamento de cereais e bebidas, em que se destacam a moagem de grãos, com os moinhos de água e vento, até os moinhos a vapor dos portos; a cerveja e o uísque, com andares baixos de germinação e fornos distintos, destilarias e cervejarias de torre; e ainda, outros processos como despensas para carne, matadouros, indústrias de cura de peixe e torres de graduação de sal.

Ainda, a indústria têxtil que apresenta uma transição clara de produção mais doméstica para um sistema mais integrado, na qual temos a lã e o algodão, com raízes domésticas por mais tempo e o algodão que liderou a revolução com fábricas movidas a água e a vapor; o linho exigia processos movido a água, a seda com moinhos de torção e teares complexos e a malharia permaneceu doméstica até tarde, antes da mecanização definitiva. Por fim, a energia a vapor, como o coração da indústria, saindo das minas para as fábricas descreve, os tipos de motores, do motor atmosférico até os motores de viga; a transmissão e disposição, com a transição de motores verticais para horizontais e a evolução dos sistemas de eixos e engrenagens para a transmissão por cordas; até o controle e homologia, onde o design da fábrica evoluiu para alinhar a transmissão de energia com o controle social e supervisão da força de trabalho em cada andar.

No Capítulo IV, o trabalho de campo é apresentado como um meio fundamental para a obtenção de dados arqueológicos e como uma agenda de investigação que busca esclarecer questões históricas e sociais por meio da intervenção humana na cultura material. Com a adoção de técnicas como fichas de contexto padronizadas com termos hierárquicos para garantir a consistência e a indexação de sítios, alcança-se um grau de objetividade no processo de levantamento, mesmo no caso de edifícios ainda de pé. A identificação do local baseia-se em técnicas de descoberta de vestígios frequentemente visíveis à superfície, destacando-se a inspeção a pé, a fotografia aérea para localizar elementos enigmáticos em zonas montanhosas pouco cartografadas, fontes cartográficas de grande escala para auditorias históricas de classificação e programas de avaliação como o Programa de Proteção de Monumentos (MPP) da English Heritage, focado em levantamentos temáticos por setor industrial para priorizar locais de preservação

Dando início, a identificação do local se baseia em técnicas de descoberta que, no caso industrial, lidam frequentemente com vestígios visíveis à superfície, onde aponta-se técnicas convencionais de inspeção a pé e a fotografia aérea para localizar elementos enigmáticos, especialmente em zonas montanhosas pouco cartografadas; as fontes cartográficas de grande escala servem como base para a descoberta e para auditorias históricas que classificam monumentos de acordo com o seu tipo e importância; e os programas de avaliação como o Programa de Proteção de Monumentos (MPP) da English Heritage utilizam levantamentos temáticos por setor industrial para identificar e priorizar locais para preservação. A seguir, o registro cria um arquivo permanente que permite a interpretação futura do sítio, onde é desenvolvido um sistema de fichas com termos hierárquicos para garantir consistência e

permitir a indexação de sítios. Segmenta-se em níveis de registro, a partir de sua profundidade: nível 1, registo visual básico de exteriores; nível 2, descrição e fotografia de interior e exterior, com esboços; nível 3, registo analítico com plantas, focando na evolução estrutural e funcional; e nível 4, investigação exaustiva cruzando evidências de campo com todas as fontes documentais disponíveis para edifícios de importância nacional.

Em seguida, os métodos de levantamento do local, abordando as ferramentas e técnicas para cartografar a topografia e a disposição espacial das estruturas, com equipamentos e técnicas de cartografia específicas, para criar perfis de locais que dependem da gravidade. Ainda, os métodos de registro de edifícios, que focam na elaboração de plantas, alçados e secções que revelam a construção e função das estruturas através de plantas técnicas com desenhos medidos e da fotografia retificada e a fotogrametria estereoscópica são utilizadas para produzir fachadas precisas de edifícios altos ou inacessíveis. Também o registo de Maquinaria e Processos, que muitas vezes, devido à complexidade mecânica, exige técnicas especializadas, através do desenho técnico também e do registro em filme, com a indústria em funcionamento.

Além disso, temos o relatório escrito que trata da estrutura do ponto de vista arqueológico, propondo a aplicação de princípios estratigráficos em edifícios, como "unidades de significado" que representam decisões humanas deliberadas. A escavação, como último recurso, por ser destrutiva e motivada pelas razões de salvamento e apontando a análise dos resíduos das estratigrafias. E, por fim, a datação, que discute os métodos para atribuir cronologias aos vestígios industriais, utilizando de alguns métodos de matrizes e inter-relações documentais.

O quinto capítulo se dispõe a discutir, justamente, a importância crítica da inter-relação entre as evidências de campo e as fontes escritas. Defendem que, embora o período industrial disponha de vasto material documental, este deve ser tratado com o mesmo rigor crítico e cautela que os de qualquer outro período histórico, analisando detalhadamente a complexidade e os potenciais preconceitos das fontes escritas decorrentes de limitações de alfabetização, parcialidade dos relatórios, intencionalidade comercial e perda de registros. Para tanto, delinea-se o percurso para encontrar esse material em bibliotecas, arquivos locais, arquivos nacionais e instituições especializadas, como museus e arquivos temáticos, além de utilizar fontes secundárias como histórias locais e dicionários geográficos para contextualizar o desenvolvimento regional.

Primeiramente, aborda a natureza das provas documentais, abordando a complexidade e os potenciais preconceitos das fontes escritas do período industrial, devido às limitações de alfabetização, parcialidade dos relatórios, intencionalidade comercial, e pela perda de registros. Depois, indica o percurso para encontrar as fontes escritas como o exemplo de bibliotecas e arquivos locais, arquivos nacionais e instituições especializadas como

museus e arquivos temáticos. Ainda as fontes secundárias que contextualizam o desenvolvimento industrial regional, através das histórias locais e dos dicionários geográficos.

Também são apontadas as fontes primárias impressas produzidas na época de atividade, como jornais e revistas técnicas, documentos parlamentares, diretórios comerciais e relatos de viajantes. Ainda, as fontes pictóricas como gravuras e desenhos técnicos, pinturas industriais e fotografias de arquivo. Mapas e plantas de diversos tipos e origens. E as fontes manuscritas como inventários, censos, documentos de empresas e advogados, apólices de seguros e registros legais.

O sexto capítulo demonstra a integração prática e metodológica entre o levantamento de campo, a pesquisa documental e a análise do contexto cultural por meio do detalhado estudo de caso das Minas de Basset, na Cornualha, servindo como uma ilustração prática do arcabouço metodológico apresentado nos capítulos precedentes. Os autores justificam a relevância desse local como um complexo mineiro de estanho e cobre de importância internacional, focando na análise das estruturas sobreviventes para indicar as mudanças tecnológicas. Através das provas documentais, demonstra-se como o cruzamento de dados preenche as lacunas deixadas pelas evidências físicas, revelando que os vestígios à superfície podem ser enganadores. Com o contexto cultural, a abordagem humaniza a paisagem industrial ao analisar as pessoas por trás das máquinas, demonstrando que o significado arqueológico de um sítio não reside apenas nos seus monumentos, mas na rede de ligações entre as evidências materiais e os registros históricos.

Eles apresentam o estudo a partir de seu contexto e abordagem, justificando a sua importância como um complexo mineiro de estanho e cobre de relevância internacional. Foca na análise das estruturas sobreviventes, indicando as mudanças tecnológicas. Através das provas documentais, demonstram como o cruzamento de dados preenche as lacunas deixadas pelas evidências físicas, revelando que os vestígios à superfície podem ser enganadores. E, com o contexto cultural, os autores humanizam a paisagem industrial, analisando quem eram as pessoas por trás das máquinas. Em suma, o capítulo demonstra que o significado arqueológico de um sítio não reside apenas nos seus monumentos, mas na rede de ligações entre as evidências materiais e os registros históricos, que juntos revelam a verdadeira natureza do processo industrial.

Por fim, o Capítulo VII apresenta uma discussão aprofundada sobre como os vestígios da industrialização são valorizados, geridos e preservados na sociedade contemporânea, argumentando explicitamente que o valor desses recursos não é intrínseco ou inerente aos objetos em si. Em vez disso, os autores sustentam que esse valor é uma atribuição direta da sociedade, a qual confere significado cultural e histórico aos remanescentes industriais com base em um conjunto complexo de critérios simbólicos, informativos, econômicos ou estéticos. Essa abordagem conceitual redefine o patrimônio industrial, transformando-o de meras

ruínas tecnológicas obsoletas em testemunhos cruciais das transformações sociais e humanas do passado.

Com a preservação de objetos móveis e maquinaria, desde a sua coleta inicial para grandes exposições até aos desafios modernos de curadoria, em exposições que focam em conquistas tecnológicas e valores simbólicos, onde também o papel dos voluntários como os grupos de entusiastas que desempenham um papel vital na preservação in situ de máquinas de grande porte, como motores a vapor, embora enfrentam dificuldades financeiras para manutenção a longo prazo. Os edifícios exploram as medidas legais e práticas para a proteção de estruturas industriais, com legislação, áreas de conservação, reutilização adaptativa e museus ao ar livre.

Também as paisagens, que analisa a gestão de áreas extensas moldadas pela indústria, frequentemente localizadas em regiões remotas, através do conflito ambiental, parques nacionais, uso recreativo e iniciativas locais a paisagens de importância regional. Por fim, os documentos que discutem a vulnerabilidade da memória escrita da indústria, como o risco de destruição, a gestão de arquivos e o valor educativo.

4. CONCLUSÃO DA RESENHISTA

A obra define a disciplina da arqueologia industrial como o estudo e o resultado de evidências tangíveis do desenvolvimento social, econômico e tecnológico ocorrido nos últimos anos, no que se diz respeito aos processos e técnicas da industrialização. Como os próprios autores ressaltam no livro, Marilyn Palmer e Peter Neaverson, aqui são abordados os complexos industriais como símbolos visíveis dos processos de produção, tanto no espaço como no tempo, defendendo que a arqueologia industrial deve ser firmemente integrada à arqueologia convencional, adotando um quadro metodológico rigoroso que transcenda a simples descrição funcional de máquinas e monumentos.

Demonstram que a arquitetura, a paisagem e a maquinaria industrial não eram apenas funcionais, mas ferramentas de gestão das relações entre capital e trabalho, impondo uma disciplina de produção contínua que transformou a sociedade. O texto explora como esses fatores atuam como símbolos visíveis dos processos de produção, analisando-os através de uma tríade fundamental de função, tipologia e contexto (cultural e topográfico). Através da inter-relação crítica entre o registro de campo, a partir de levantamentos métricos, fotográficos, relatórios e de tempo, à investigação documental abrangente. O livro conclui que o valor do patrimônio industrial é uma atribuição da sociedade contemporânea e que sua gestão deve equilibrar o potencial econômico com o valor informativo dos vestígios.

Em suma, discute-se que a arqueologia industrial não trata apenas de objetos, mas de pessoas e da agência humana, o que revela as complexas relações de classe, poder e as mudanças no comportamento humano durante o processo de industrialização. Ao mesmo

modo que as escolhas de preservação, que acontecem no vigente período de reorganização urbana da sociedade industrial, também são afetadas e afetam esse contexto de forma social, econômica e política.

A abordagem de Palmer e Neaverson reforça a importância de se superar a dicotomia entre o objeto técnico e o contexto social. Ao conceber o patrimônio industrial como uma teia complexa de significados, os autores convidam a um olhar que integra o rigor científico à sensibilidade histórica. Essa visão torna-se essencial para a compreensão de que a preservação de tais vestígios não se limita à proteção material, mas constitui um ato de reflexão sobre as raízes da sociedade atual, exigindo, portanto, uma gestão patrimonial que harmonize o valor informativo dessas estruturas com a memória viva das relações de trabalho que as originaram.

5. CRÍTICA DA RESENHISTA

A obra fornece subsídios e contribuições a pesquisas científicas no campo da arquitetura, história e patrimônio cultural, à medida em que trata da relevância da arqueologia industrial frente às discussões do patrimônio industrial, uma vez que o eleva de uma preservação baseada apenas na nostalgia ou no entusiasmo amador para um estudo sistemático e acadêmico. Interpretar vestígios físicos como evidências tangíveis do desenvolvimento social e tecnológico, é ir além da simples catalogação de máquinas ou edificações para situar o monumento a ligações com os métodos de produção. A arqueologia industrial é capaz de fornecer critérios científicos para a gestão de recursos, utilizando da preservação por registro como uma alternativa vital, quando a conservação *in situ* não é economicamente viável, ou efetivamente possível, como no caso de edifícios em estado de arruinamento.

A obra se destaca como uma leitura estruturada de forma altamente fluida, atingindo equilibrar de maneira precisa os princípios teóricos fundamentais e as práticas aplicadas. Esse equilíbrio confere ao texto um caráter instrutivo claro e objetivo sobre a metodologia arqueológica contemporânea. Tal aspecto instrutivo é significativamente reforçado pela própria organização lógica do livro, que guia o leitor em uma trajetória metodológica progressiva e abrangente: inicia-se com a macro análise de grandes paisagens urbanas, avaliando os fatores de localização e as relações espaciais com os sistemas de transporte, e avança detalhadamente pelo exame de edifícios e de maquinaria específica, como os fornos estruturais e os motores de energia a vapor. Ao longo de todo esse percurso, que abrange desde o estabelecimento de técnicas de registro em quatro níveis distintos até o emprego de metodologias e inter-relações documentais para a datação, os autores mantêm firmemente o foco analítico direcionado para a agência humana, as relações de poder e o controle social da força de trabalho por trás de cada uma das estruturas e paisagens industriais estudadas.

Os exemplos práticos e estudos de caso minuciosamente detalhados ao longo da obra, como o das Minas de Basset na Cornualha, nos auxiliam de forma significativa na compreensão de conceitos teóricos fundamentais para a arqueologia industrial, a exemplo do simbolismo do poder inserido na arquitetura das fábricas e da estratigrafia aplicada a edifícios. A demonstração clara da inter-relação analítica entre as evidências empíricas de campo e o arcabouço documental evidencia como o cruzamento dessas fontes permite preencher lacunas históricas cruciais. Além disso, a incorporação de modelos metodológicos consagrados, como a adaptação da Matriz de Harris para estruturas em pé, viabiliza a identificação de diferentes fases construtivas como 'unidades de significado' resultantes de decisões humanas deliberadas. Desse modo, os autores indicam com precisão a viabilidade de unir os conceitos teóricos e os procedimentos práticos da disciplina, consolidando a arqueologia como uma ferramenta indispensável para qualificar as pesquisas acadêmicas e orientar de forma científica o desenvolvimento de políticas voltadas para a preservação integral desse patrimônio material e cultural.

Finalmente, com o estudo dessa obra, podemos amadurecer a discussão da arqueologia industrial como parte integrada à corrente principal da arqueologia, abandonando o isolamento técnico para contribuir com debates históricos conceituais mais amplos. A obra também rebate a percepção da industrialização como um processo súbito, utilizando as evidências físicas para provar que foi um fenômeno gradual e desigual, onde métodos domésticos e mecanizados coexistiram por décadas. O livro ainda é capaz de discutir sobre a "indústria do patrimônio", alertando contra a higienização do passado e defendendo uma gestão que valorize o contexto de trabalho e as relações de classe em vez de apenas o apelo estético ou nostálgico, no qual ainda temos questões presentes e relevantes nos debates sobre patrimônio até os dias de hoje. Preservar: por quê e para quem?

REFERÊNCIAS

PALMER, Marilyn; NEAVERSON, Peter. *Industrial archaeology: Principles and Practice*. London: Routledge, 1998.